



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Formação de Professores e Desafios da Escola no Século XXI

Sinop, v. 7, n. 2 (19. ed.), p. 629-650, jun./jul. 2016

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

---

## DENTRO E FORA DO QUADRADO: heterogeneidades na sala de aula

**Álamo Pimentel**

Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro/BA - Brasil

### Resumo

Este ensaio enfatiza a transfiguração da sala de aula a partir das relações de interdependência constitutivas dos cotidianos deste lugar. Ocupar posições e produzir relações compõem a dupla face de processos rituais através dos quais professores e estudantes protagonizam performances de sentar. O propósito do trabalho é apontar as múltiplas formas de ocupação da sala de aula como fonte geradora de heterogeneidades relacionais presentes no cotidiano das instituições educacionais. As reflexões desenvolvidas estabelecem conversações com abordagens antropossociais contemporâneas a partir de análises configuracionais de um ensaio fotográfico produzido em uma turma do Curso de Pedagogia de uma Instituição Federal de Ensino Superior. Após apresentar as diferentes nuances de ocupação da sala de aula resultante de uma observação intensiva com o grupo de estudantes, indicam-se outras possibilidades de compreensão da multiplicidade de relações cotidianas nas instituições educacionais no que diz respeito à formação de professores na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Educação. Formação de professores. Cotidiano. Etnografia. Redes de interdependências.

### 1 INTRODUÇÃO

A ocupação social da sala de aula constitui-se a partir da ambivalência entre o cumprimento das regras institucionais de delimitação dos lugares destinados ao

professor e aos estudantes e a insubordinação a estas regras. Marcadas pela prescrição da ordem que impera nos espaços educativos as salas de aula são organizadas de maneira que as normas vigentes nas instituições educacionais modernas atravessem os corpos silenciosamente<sup>1</sup>. Há corpos que se rebelam e conferem à sala de aula outras configurações sociais.

Quando professores e estudantes se dirigem para este espaço carregam consigo os princípios básicos de delimitação das distâncias e da circulação social que definem os mapas da distribuição dos saberes e dos poderes na instituição. Tais princípios constituem os discursos produzidos pelas instituições e compõem uma espécie de gramática básica da circulação social nos contextos oficiais de educação. A itinerância regulada começa no jardim da infância e se estende em todos os níveis e modalidades educacionais ao longo da vida. Aprende-se com o tempo a caminhar em ângulos retos, a respeitar as fronteiras invisíveis que separam e distinguem o lugar do professor dos lugares dos outros ocupantes da sala de aula. Quase sempre tudo é quadrado e se configura a partir de limites quadriláteros. No entanto, nem sempre as formas de ocupação e circulação permanecem estáveis, em conformidade com as regras da instituição.

Há alguns anos atrás eu dava aulas em um curso de formação de professores em serviço no município de Irecê, no interior do estado da Bahia, quando uma professora-cursista pediu a palavra e fez um desabafo. Ela revelou que um dos seus alunos nunca usava a carteira escolar. O garoto deveria ter aproximadamente oito anos de idade, sentava-se no chão para assistir as aulas, “apoiava o caderno nas pernas e entrava no silêncio de sempre” – ressaltou. Segundo a professora-cursista, aquela postura a incomodava, outras crianças queriam seguir o exemplo do colega e isso causava bagunça em sua sala de aula. Procurei ouvir o relato atentamente e perguntei à professora qual era a história de vida do seu aluno. Ela confessou desconhecimento.

Nós estávamos em um curso organizado por módulos. Eu retomaria minhas atividades duas semanas após aquele encontro. Demonstrei interesse em saber

---

<sup>1</sup> Lillian Cristina Monteiro França (1994, p. 73) nos lembra que “a repetição está dentro do contexto escolar. Não só a repetição de um conteúdo, através de exercícios de memorização ou mecanização, mas também a repetição de uma forma, presente na configuração das salas de aula e de todo ambiente escolar, ajudando a garantir o controle e a disciplina”. Ao analisar as formas tradicionais de organização das instituições educacionais a autora descreve de maneira primorosa a configuração da ordem e da desordem produzidas pelas dinâmicas cotidianas no interior dos espaços escolares.

mais sobre “o garoto que rejeitava as carteiras escolares”. Pedi à professora que me trouxesse mais detalhes sobre aquele menino na próxima aula. Nossos encontros eram pautados por discussões da Antropologia Educacional, trabalhávamos àquele momento com a noção de alteridade e a experiência daquela professora era extremamente importante para compreendemos mais a fundo o que estava em debate.

O acontecimento inaugural do nosso segundo encontro foi o relato da professora-cursista sobre a história de vida do seu aluno. A professora disse que foi até a casa do garoto e descobriu que ali não havia cadeiras. Era uma família muito pobre que morava em um dos distritos do município, os principais rituais de reunião familiar no espaço doméstico eram marcados pela prática de sentar no chão. Ao concluir o seu relato, confessou perplexidade com a sua própria ignorância, disse que aprendera dramaticamente a importância de ver mais, ouvir mais, conhecer mais a história de vida dos outros com os quais convive em sala de aula. A partir deste relato foi possível ampliar as reflexões sobre alteridade, pudemos compreender que relações sociais não se resumem às relações entre pessoas, mas que objetos, silêncios, gestos e ambientes de convivência agem e produzem múltiplos efeitos sobre nossas práticas de convívio social. Praticar alteridade não se reduz à equação pessoa-a-pessoa, há inúmeros outros artefatos sociais que se inscrevem em nossos corpos, o exemplo da carteira escolar (ou da insubordinação a ela) é só um deles.

Esta breve história também me marcou. Passei a observar mais o que ocorre nas minhas próprias salas de aula quando estou atuando com outras pessoas. À medida que dou aulas tento contemplar o que ocorre ao meu redor. Sempre extraio grandes lições da convivência com os meus grupos de trabalho. No entanto o trabalho da docência nem sempre favorece ao exercício de um olhar mais atento e uma escuta apurada das relações em sala de aula.

No ano de 2010 recebi um jovem licenciado em Ciências Sociais que fazia mestrado em Educação. Ele desejava fazer o seu estágio docência comigo. Eu o acolhi. Compartilhamos planos, espaços e relações de trabalho com a turma do primeiro semestre de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia naquele ano. Combinei com o jovem educador que iria observar as suas aulas, o meu intento era, na verdade, deslocar-me do lugar de professor para

observar intensivamente as formas de ocupação da/na sala de aula. Durante este processo realizei um ensaio fotográfico<sup>2</sup> que servirá de base para as análises que realizo neste texto.

Em linhas gerais o que procuro desenvolver aqui são reflexões sobre as múltiplas formas de ocupação da sala de aula e seus efeitos na produção de relações sociais. Entre os meses de março a junho do ano de 2010 eu alternava minhas posições no espaço da sala de aula. Nos dias em que o estagiário, mestrando em Educação à época, dava aulas, eu me acomodava em distintos pontos daquele espaço para experimentar diferentes ângulos do conjunto de relações que ocorriam cotidianamente ali e ao mesmo tempo, compreender determinados aspectos que produzem situações de sociabilidade entre estudantes e professor. Mantive um diário de campo daquelas experiências e pude desenvolver atividades de produção textual através das quais obtive mais informações sobre o grupo.

À medida que eu me fazia mais próximo dos estudantes e mais distante do “meu lugar oficial” de professor, dava-me conta de que a ambivalência entre o institucional e o não-institucional em vez de apenas separar, dividir e distribuir as pessoas na sala de aula, também multiplicava as possibilidades de relacionamentos a partir das outras formas de ocupação produzidas pelas pessoas. Neste sentido, procurei não me deter nos procedimentos de segregação social que as normas institucionais impõem às pessoas que convivem nos espaços da sala de aula, passei a me perguntar: como estas formas de ocupação do espaço produzem outras configurações sociais das relações intrainstitucionais da vida acadêmica? O que eu buscava era compreender melhor as interfaces das relações que se produzem nos interstícios cotidianos que se fazem entre o institucional e o não institucional à medida que as pessoas ocupam espaços, produzem vínculos sociais e se posicionam a partir das suas redes de interdependências na sala de aula.

O meu objetivo com este texto é, portanto, compreender a multiplicidade de formas de ocupação da sala de aula e suas implicações nas relações entre

---

<sup>2</sup> Toda a turma participou do processo de negociação das observações realizadas durante aquele período. Antes de realizar os ensaios fotográficos solicitei e obtive autorização por escrito de todos os participantes e expus o meu objetivo de trabalhar aquelas imagens posteriormente nos meus estudos sobre processos de convivência na sala de aula. Neste sentido, todas as imagens utilizadas neste ensaio foram autorizadas conforme os preceitos éticos da pesquisa.

professores e alunos. Parto do pressuposto de que as heterogeneidades relacionais estão presentes no cotidiano das instituições educacionais, produzem performances sociais que transfiguram a sala de aula e geram múltiplas redes de interdependências entre as pessoas que ocupam este ambiente. Para isto utilizo-me de algumas noções teóricas seminais para compor uma análise configuracional desta experiência através do ensaio fotográfico que realizei durante o período que peregrinava de um ponto ao outro dentro e fora do “quadrado” da minha própria sala de aula.

## **2 AMBIVALÊNCIAS, AGENCIAMENTOS, RITUAIS E CONFIGURAÇÕES**

A sala de aula é transpassada por relações de poder<sup>3</sup>. Está organizada institucionalmente de maneira a consolidar a autoridade do professor através do exercício intensivo das formas de ensinar-aprender circunscritas em determinados níveis e modalidades de ensino. Nas tradições ocidentais modernas, as salas de aulas constituem células micropolíticas de configurações institucionais mais amplas tais como escolas, redes de escolas e sistemas de ensino.

Dentro do universo acadêmico as configurações curriculares se distinguem das outras instituições educacionais. As salas de aulas estão organizadas por cursos, unidades acadêmicas de ensino e uma ampla rede de outras instâncias que constituem a vida universitária. Há também instituições universitárias que utilizam salas em pavilhões de aulas destinados a cursos de várias unidades de ensino. Podemos com isto compreender que cada sala de aula compõe as dimensões mais elementares do amplo e multifacetado conjunto de instâncias que ordenam e governam os processos de formação humana das instituições educacionais mais variadas.

O modelo de autoridade exercido na sala de aula, ainda segundo as tradições ocidentais modernas, está centrado na figura do professor, sobretudo na sua capacidade de organizar os saberes acadêmicos (ou escolares) e produzir situações de ensino-aprendizagem que contribuam para a formação das pessoas segundo as

---

<sup>3</sup> Das concepções arquitetônicas às edificações das estruturas escolares as formas de poder concebidas pelas instituições educacionais são transpostas para o espaço físico destinado à formação humana no ocidente, a este respeito destaco os importantes estudos de Antonio Viñao Frago e Agustín Escolano (1998).

ordens sociais vigentes. Comumente concebemos a autoridade do professor a partir da sua capacidade de dominar conteúdos específicos de saberes e fazê-los circular entre os estudantes com os quais trabalha. Além disso, a autoridade do professor pressupõe a sua capacidade de manter a ordem na sala de aula, através do controle rígido das relações sociais com as quais lida. Esta talvez seja a forma mais recorrente de interpretação da autoridade pedagógica segundo as reflexões sobre poder e saber na modernidade. O princípio elementar da autoridade segundo as concepções teóricas do pensamento moderno é a coerção.

Boa parte das teorias sociais que tomam a ‘modernidade’ como um momento paradigmático da humanidade ocidental enfatizou a coerção<sup>4</sup> como característica elementar das formas de poder produzidas historicamente. Ocorre que esta não é o fundamento único do poder, conforme nos lembra Georges Balandier (1997). Toda forma de poder é produzida e exercida no âmago de relações sociais e além da coerção, pressupõe ambivalências. Uma das fórmulas adotada pelo autor nos faz entender de maneira bastante clara como se localiza esta ambivalência primordial do poder: “o poder domina os que o detém e, por isso mesmo, estabelece uma dominação ilimitada sobre os súditos. Capacita a manipulação de forças mas o seu mau uso faz surgir a violência social e, com ela, a desordem” (BALANDIER, 1997, p.97). Isto nos indica que o poder não é algo dado, tampouco algo que se concentra e determina indefinidamente polarizações antinômicas do tipo dominador dominados. O poder é produzido socialmente e ainda que se concentre sob determinadas formas de dominação também se dissipa segundo circunstâncias distintas das relações sociais. A indeterminação e movimento constituem a dupla face das ambivalências do poder.

Em se tratando do espaço de uma sala de aula podemos compreender em um primeiro momento que a forma institucionalizada de exercício do poder que consolida a autoridade do professor é o domínio do conhecimento especializado. Ao menos este é o pressuposto básico de regulação das relações sociais mais corriqueiras entre professores e estudantes. Quando um professor demonstra insegurança no trato com o conhecimento com o qual exerce a sua profissão,

---

<sup>4</sup> Destaco as análises de Michael W. Apple (1989) sobre as relações entre educação e poder. Lembro ainda que o questionamento das formas de poder emergente da história da violência nas prisões feito por Michel Foucault (1997) em **Vigiar e Punir** tem sido uma das mais importantes fontes de estudos sobre esta dimensão do poder na formação das instituições ocidentais.

imediatamente é ridicularizado em sala de aula e, nos recônditos mais insondáveis das instituições educacionais. É que a visão acumulativa do conhecimento como produto ainda impera nas representações fixadas pelas práticas sociais instituídas no mundo acadêmico (e também fora dele).

O incomum é questionar o professor que ignora as múltiplas experiências de vida dos estudantes com os quais trabalha. Isto também não deixa de ser um problema passível de profundas reflexões. Quando um professor investe unicamente no domínio dos saberes institucionalizados e desconhece outros saberes que circulam na sala de aula, as suas relações também se desequilibram. A sua autoridade também é questionada, ainda que na maioria das vezes isto seja feito de forma subliminar<sup>5</sup>. O desequilíbrio no exercício da autoridade gera confusões e outras possibilidades de composição das relações com o poder e o saber.

A maneira como as salas de aula estão organizadas oficialmente não favorece a superação dos desníveis que se fazem entre domínio do conhecimento e domínio das relações sociais. É que as regras institucionais de domínio em ampla escala reduzem as pessoas a números manipuláveis, objetos intercambiáveis. Fato este que corrompe a complexidade constitutiva das relações sociais em sala de aula. Produzir conhecimento não supõe apenas o domínio daquilo que já se sabe, mas abertura para lidar com incertezas e a imprevisibilidade do desconhecido nos contextos de ensino-aprendizagem. Reconhecer a ambivalência neste espaço supõe ultrapassar as aparências entre as disposições dos lugares e posições sociais que delimitam as suas relações internas.

O que pretendo destacar aqui é que a sala de aula se constitui a partir de arranjos discursivos verbais e não verbais pautados pelo pressuposto do acesso a expressões do saber. Antes de conhecer pessoalmente o professor e o local em que irão compartilhar saberes os estudantes inscrevem-se em componentes curriculares, identificam áreas de conhecimento pelas assinaturas que nomeiam seus docentes, orientam seus passos a partir das informações oficiais e oficiosas que circulam pelos ambientes acadêmicos. Ao chegarem à sala de aula irão encontrar um mobiliário que compõe e distingue os limites das relações entre ensinar e aprender. A sala de

---

<sup>5</sup> Ou que se expresse nos problemáticos slogans “este é um professor conteudista” que identifica teorias dissociadas de práticas; à medida que muitos estudantes criticam os excessos de abstrações e conteúdos em sala de aula, ao mesmo tempo em que não reconhecem a abstração como um ato social, portanto uma prática.

aula dá prosseguimento aos agenciamentos dos discursos que estabelecem as diferentes posições sociais a serem ocupadas pelas pessoas enquanto se relacionam umas com as outras. Parto da noção de agenciamento proposta por Félix Guattari (1998) na medida em que compreendo as condições sociais que conferem possibilidades de pertencimento e alteridade individuais e coletivas em diferentes instâncias da vida em comum como enunciações discursivas. Os discursos presentes nas coisas, nos ambientes e nos corpos que circulam nas instituições produzem subjetividades e relações sociais. As salas de aulas são também territórios existenciais.

As expressões mais visíveis destes agenciamentos discursivos se fazem a partir dos rituais de encontro e trocas de experiências dentro das instituições educacionais<sup>6</sup>. Victor Turner (2008) concebe processos rituais como configurações mais amplas dos dramas sociais com os quais as pessoas lidam na medida em que passam por transições de suas condições existenciais na vida comum. Segundo este autor os processos rituais se compõem de dimensões estruturais e anti-estruturais e, uma vez deflagrados, transformam não apenas os indivíduos, mas também as formas de organização social dos grupos envolvidos no processo.

Para Richard Sennet (2012) os rituais são compostos por três dimensões: a) repetição, b) transformação de objetos, movimentos corporais e palavras inexpressivas em símbolos, c) expressividade dramática das experiências ritualizadas. Penso que ao lado de Victor Turner e Richard Sennet podemos conceber os rituais da/na sala de aula como formas de transfiguração social e política das fronteiras que separam o institucional do não institucional segundo a ordem dos discursos vigentes nos espaços educativos. Através dos rituais de convívio no espaço da sala de aula as pessoas participam de outras performances relacionais. Ainda que sejam transpassadas pelas regras que fixam as dinâmicas próprias das instituições, transformam tais regras segundo os pactos e negociações cotidianas de articulação das suas presenças ao lado daquelas pessoas e

---

<sup>6</sup> Considero o trabalho de Peter McLaren (1991) um clássico das análises sobre os rituais na escola. Eu assumo, ao menos parcialmente, alguns dos pressupostos básicos deste autor, sobretudo no que se refere ao reconhecimento de “que as escolas servem como ricos repositórios de sistemas rituais, que os rituais representam um papel crucial e inarredável no conjunto da existência do estudante; e que as dimensões variadas do processo ritualístico são intrínsecas aos eventos e transações da vida institucional e na tessitura da cultura da escola” (McLAREN, 1991, p. 29).



ambientes com que interagem. A visibilidade destas expressões dos processos rituais constitui configurações sociais.

Anteriormente destaquei que a ênfase nos modelos de organização da sala de aula e os pressupostos subjacentes de autoridade pedagógica fixados pelos discursos das instituições fragmentam e separam as relações de poder e saber entre as pessoas que ocupam este espaço. Ao mesmo tempo destaquei que os regimes de convivência cotidiana inscrevem outras relações, que tornam ainda mais complexas as composições socioculturais das interações na sala de aula. Os rituais de convivência instauram processos em que as pessoas se conectam através dos fluxos culturais que emergem das situações mais distintas de cooperação no convívio social. De um ponto de vista antropossocial, penso que estes rituais expressam formas de interdependências através das quais as pessoas participam da vida social própria de uma sala de aula. Faço eco às palavras de Norbert Elias (2008) quando nos indica que a análise social das interdependências entre as pessoas contesta a visão do indivíduo como “estando numa caixa fechada” e do homem como “*homo clausus*”. Configurações são padrões mutáveis que expressam as diferentes formas através das quais as pessoas produzem vínculos e se movimentam na vida em sociedade a partir das interações viáveis no reconhecimento recíproco de todos aqueles que participam das relações (ELIAS, 2008, p. 142).

Ainda segundo este autor, para procedermos uma análise configuracional dos processos sociais podemos utilizar diferentes recursos tais como dados estatísticos, relatos e imagens que expressem o princípio da independência como dimensão fecunda da ligação entre as pessoas na produção da vida em sociedade (ELIAS, 2000). Assumo estas orientações como base para a análise do ensaio fotográfico que produzi enquanto observava a minha turma em um curso de pedagogia, no momento em que as aulas eram conduzidas por outro professor.

### **3 AS PERFORMANCES DE SENTAR E AS TRANSFIGURAÇÕES DO QUADRADO**

A primeira aula ministrada pelo estagiário ocorreu no dia 22 de março de 2010. Cheguei com alguma antecipação e procurei sentar-me na fileira de cadeiras

alinhada à parede dos fundos da sala de aula. Meu propósito era explorar os ângulos que aquele local oferecia para a visão geral do ambiente em que estávamos.

A carga horária do nosso componente curricular estava dividida em dois encontros semanais com duração de 2 horas/aula. Às segundas e quartas feiras, das 7 horas e 20 às 9 horas da manhã. Realizávamos diferentes atividades letivas dentro daquele breve e fracionado intervalo de tempo. O ritmo das primeiras aulas era marcado pela descontinuidade da chegada dos estudantes. A turma ficava mais numerosa sempre depois das oito da manhã.

Antes de me instalar naquele primeiro ponto de observação eu havia desenvolvido várias atividades e já possuía algumas informações gerais sobre aquele grupo. Logo no primeiro dia de aula, após apresentar o plano de trabalho do componente curricular, solicitei que os presentes respondessem um questionário e produzissem um texto sobre a escolha do curso de pedagogia. Este material oferecia-me uma visão geral da turma e, ao mesmo tempo, informava-me sobre aspectos mais específicos de cada estudante.

Havia 47 pessoas matriculadas em Antropologia da Educação àquele semestre (43 mulheres e 04 homens). Apenas 42 pessoas participaram da primeira atividade, respondendo às questões que eu havia encaminhado. Deste total de respondentes havia 40 mulheres e 02 homens. Além dos resultados apresentarem uma maioria feminina, outra característica comum ao grupo era o pertencimento e utilização de endereços eletrônicos para se relacionarem com outras pessoas. Apenas 01 pessoa não informou o *email* no questionário (mas também não se manifestou quanto ao fato de ter ou não endereço eletrônico). No que diz respeito à faixa etária e local de moradia, o grupo revelava maiores índices de heterogeneidade.

A faixa etária predominante estava circunscrita no intervalo dos 20 aos 25 anos de idade, cerca de 20 pessoas no total. Um grupo de 13 estudantes afirmou ter menos de 20 anos (cerca de cinco delas tinha 17 anos à época). Os outros grupos estavam situados entre 26 e 30 anos (05 pessoas), 31 e 35 anos (03 pessoas) e apenas uma pessoa não respondeu a esta questão. No que diz respeito ao local de moradia a variação aumentou significativamente, do grupo de 42 respondentes apareceram 30 bairros diferentes da capital baiana. Não pretendo me prolongar com

os dados quantitativos que fui colhendo ao longo do trabalho em sala de aula àquela época. A minha intenção é explorar dois aspectos importantes para a análise configuracional das imagens que expõem os rituais de ocupação deste espaço. O que se apresenta como uma aparente homogeneidade de gênero e o uso de recursos *on-line* de relacionamento assumem configurações muito distintas quando exploramos outras variáveis, tais como idade e local de moradia. Estes dois aspectos interferem nas formas como as pessoas participam dos processos de socialização na sala de aula.

Dentro das culturas do mundo acadêmico o Curso de Pedagogia é marcado por duas expressões de preconceito, muitas pessoas o reconhecem como um curso de 'baixo prestígio social'<sup>7</sup> e como um curso 'feminino'. O fato de haver uma desigualdade quantitativa de gênero na formação das turmas de pedagogia, não significa que haja homogeneidade sociocultural dentro deste grupo, as diferentes formas de compor as identidades de gênero na sala de aula, também passavam pelas diferentes dimensões de pertencimento social e étnico racial destas jovens. Logo no início do semestre percebi que muitas se identificavam e passavam a se relacionar por pertencerem a uma mesma faixa etária, ou por morarem próximas e frequentarem as mesmas linhas de transportes urbanos, outras se identificavam por possuírem a mesma orientação religiosa. Havia ainda as que se aproximavam umas das outras por compartilhar estados civis semelhantes (solteiras e casadas se distinguíam de maneira muito evidente em sala de aula). Outro fator que exerceu forte influência na construção de vínculos sociais e no processo de diferenciação nas redes de interdependência da sala de aula era a escolha e ocupação dos lugares de sentar naquele ambiente. A minoria masculina dentro do grupo era formada por 04 estudantes que se sentavam sempre na fila dos fundos e mantinha relações oscilantes com o conjunto geral da turma.

Diante daquele cenário o preconceito acadêmico que manipula as marcas de gênero e classe social para produzir uma 'certa' visão homogeneizadora do curso de pedagogia se quebrava. As múltiplas composições de relações identitárias em sala

---

<sup>7</sup> A totalidade dos estudantes destacava a importância da escolha daquele curso para a mudança de suas condições sociais de vida, ao mesmo tempo muitos textos enfatizavam o valor cultural da educação para a formação humana. Considero suas declarações como posicionamentos que colocam em questão a reducionista visão do prestígio social como uma correlação entre condições socioeconômicas de vida e competição massificada para o ingresso em uma profissão de alto rendimento financeiro.

de aula indicavam que ali as afirmações de identidades inscreviam-se em diferenças, conforme nos lembra Guacira Lopes Louro (2000). Por outro lado, as práticas de ocupação dos lugares na sala de aula também indicavam a transformação da cadeira em objeto simbólico que proporcionava às performances de sentar uma conexão profunda (e fecunda) na produção de vínculos sociais.

No momento em que iniciei as minhas observações a sala estava bagunçada, as cadeiras em desalinho, havia papel espalhado pelo chão, a lousa ainda estava marcada por anotações de giz da aula da sexta feira (19 de março). Estávamos localizados no meio de um dos corredores de salas do primeiro andar do prédio da Faculdade de Educação (à direita de quem sobe as escadarias). Na segunda feira os trabalhos de limpeza do prédio começavam sempre depois das nossas aulas, o fato de estarmos localizados no meio do corredor dificultava a limpeza da sala no primeiro horário. A organização daquele espaço era quase sempre feita a partir dos nossos movimentos de chegada e ocupação dos lugares de sentar.

Dei-me conta de que, passadas três semanas de encontros aquela turma (que vivia o seu momento de iniciação na vida acadêmica) já havia definido os contornos sociais da ocupação do lugar. As performances de sentar eram marcadas por uma série de ações que se repetiam, semana após semana. A estudante ou o estudante entra na sala; mira a localização da cadeira que passou a ocupar; dirige-se à posição do assento marcado; organiza os seus materiais; desliga os celulares e caso o assento ao lado esteja ocupado troca algumas palavras iniciais com os vizinhos. Há pelo menos três critérios que predominam na condução deste processo: 1) proximidade física do colega; 2) condições de visibilidade do lugar do professor; 3) condições de acomodação do material de suporte para a assistência das aulas.

Logo no primeiro dia de aula as cadeiras estavam organizadas sob a forma de um semicírculo em volta das paredes laterais e do fundo, o interior deste semicírculo era preenchido com três fileiras paralelas de assentos. A disposição deste mobiliário mantinha alguma distância do lugar destinado ao professor, garantindo ao docente uma visão geral do grupo e maior espaço de circulação no espaço frontal fixado próximo à lousa e o armário em que ficam guardados os recursos tecnológicos da sala. Esta configuração sofria alterações à medida que o grupo de estudantes se fixava em seus lugares. A observação mais minuciosa revelava que aquela sala nunca era a mesma, embora uma visão mais geral do espaço ocupado aparentasse

uma conformação do modelo institucional de organização do ambiente físico. Afetados pelas marcas discursivas que agenciavam suas relações uns com os outros e com o espaço-tempo de suas relações os estudantes desdobravam suas performances de sentar no interior de uma complexa e invisível rede de interdependências.

Diante deste cenário era possível compreender que as redes de interdependências produziam outras configurações da sala de aula. Corpos e objetos interagiam conforme diferentes pautas discursivas produzidas ao logo dos encontros naquele lugar e isto me fazia entender melhor que “as relações mútuas entre corpos humanos no espaço é que determinam suas reações mútuas, como se vêem e como se ouvem, como se tocam ou se distanciam” (SENNET, 2006, p. 17). Em termos ritualísticos as performances eram marcadas por uma ruptura inicial com o mundo extra-sala de aula e prosseguiam numa sequência de ações sociais que transformava aquela turma em um território existencial. Apesar das suas identificações inscreverem-se em diferentes critérios de aproximação física e sociocultural, não demorou muito para que a “turma de 2010.1” se transformasse em endereço eletrônico do hotmail (para trocas de mensagens, textos e discussões de sala de aula), grupo fechado do Facebook e um blog que foi produzido para o nosso componente curricular<sup>8</sup>. Enquanto o grupo trabalhava na produção de sua própria autodenominação, internamente eram produzidas também suas distinções intragrupais.

Sentar ao “lado de” implicava colocar-se diante e de costas para outras pessoas. Implicava ainda inscrições das marcas das pessoas no assento (as cadeiras passavam a ser identificadas como cadeiras de alguém). Concomitantemente as possibilidades de cooperação mútua com os processos de ensino-aprendizagem tornavam-se mais intensas, uma vez que a proximidade também permitia o aprofundamento crescente dos vínculos sociais. O uso performático deste lugar transformava as diferentes ações presentes nos dramas sociais (TURNER, 2008) de ocupação da sala de aula em ações simbólicas que conferiam formas de pertencimento às pessoas e objetos nos diferentes regimes de interação. As performances de sentar expressavam diferentes sons, gestos, ritmos e

---

<sup>8</sup> Disponível em <[www.pedagogiaufba20101.blogspot.com/](http://www.pedagogiaufba20101.blogspot.com/)>, visualizado em 06 de março de 2015.

simbolismos (SHECHNER, 2012) das atuações entre as pessoas na sala de aula. Aquele primeiro dia de observações havia inscrito no meu olhar o esboço inicial do tema que gerou o ensaio fotográfico que realizei algumas semanas após.

No dia 07 de abril voltei ao lugar de observador desta vez, munido com máquina fotográfica. Eu pretendia compor um conjunto de imagens sobre multiplicidade de formas de ocupação da sala de aula. O recurso da fotografia possibilitaria gerar memórias daquela experiência e, ao mesmo tempo operar releituras das configurações obtidas a partir das imagens produzidas. O uso das fotografias em pesquisas de campo serve ao mesmo tempo para produzir memórias, transpor performances da vida social para os textos verbais e não-verbais das imagens e gerar outras discursividades sobre as experiências vividas em campo<sup>9</sup> (GOLDOPHIN, 1995; FARIA, 1998; ROCHA; ECKERT, 2003). Nesta perspectiva explorei quatro posições distintas para compor as diferentes configurações das performances de sentar que eu observava.

A primeira imagem (Figura 1) foi registrada a partir da porta de entrada da sala de aula. Aquela era a única posição que conferia uma ampla visão do conjunto. Além de conferir alargada visibilidade da disposição de lugares entre o lugar do professor e dos estudantes era possível ver a abundância da presença simbólica do quadrado nas formas dos objetos e elementos demarcadores dos lugares no espaço da sala de aula. Há quadrados do piso ao teto, assim como no design dos objetos utilizados na sala de aula.

Figura 1 - Visão Geral do Quadrado



Fonte: Foto do autor.

<sup>9</sup> Os autores apresentam diferentes perspectivas teóricas acerca da abordagem do uso de imagens na Antropologia Visual, procurei aqui destacar aspectos que são comuns em seus argumentos.

A visão panorâmica da porta de entrada confere maior profundidade na observação do todo sala de aula e viabiliza o patamar de uma visão passível de vigilância e controle por parte de quem observa o grupo a partir daquele ponto. Por outro lado, uma visão mais atenta desta imagem permite também capturar as sutilezas dos arranjos sociais que transfiguram o quadrado. Mochilas no chão, diferentes posições corporais na expressão do sentar e diferentes arranjos relacionais nas composições de proximidades e distâncias entre os corpos.

Logo depois de fazer esta fotografia procurei explorar o ângulo inverso. Fui para o fundo da sala de aula e me posicionei no diâmetro frontal entre a primeira fileira de cadeiras no interior do semicírculo e a posição do professor (Figura 02). O efeito resultante na imagem fotográfica é a abrupta obstrução da profundidade e a visão distorcida dos corpos que estão sentados à frente das lentes. Quem ocupa este espaço só consegue ver frontalmente o rosto do professor, ainda assim, quando o professor está sentado (como é o caso desta imagem) vê-se apenas um corpo fragmentado e fixado entre a lousa e a mesa de trabalho. A visão dos colegas que estão em frente sofre de maneira mais contundente com o efeito obstrutor. Tudo que é visto dos fundos é também visto sobre um ângulo que se faz a partir dos ombros das outras pessoas. Quem se senta de frente para as costas do colega encara na postura fixada do corpo do outro os limites de aproximação e interação.

Figura 02 - Visão dos Fundos da Sala de Aula



Fonte: Foto do autor.

Após fazer a imagem que resultou na Figura 02 mantive-me no fundo da sala de aula. Fui direto para a extremidade direita do local em que eu estava (no sentido inverso à posição do professor). Procurei explorar os efeitos do excesso de proximidade em uma das fileiras ocupadas por estudantes que mantinham relações de interdependência menos estáveis entre si (Figura 03). Apesar de serem fenotipicamente parecidas, as estudantes que aparecem nesta imagem se diferenciavam pelo pertencimento ao curso de pedagogia (algumas delas vinham de outras licenciaturas), pelo estado civil e pela faixa etária. Ali, naquela fileira, estavam localizadas estudantes com idade acima dos 25 anos e algumas à época eram casadas. A proximidade física de quem sentava àquele lugar não resultava em proximidade sociocultural forte. Ao mesmo tempo a visão de perto interrompe a profundidade do alcance dos que ali estão; fixando uma série de corpos em processo de produção das atividades desenvolvidas em sala de aula. A escolha do lugar favorecia ao isolamento produtivo e, ao mesmo tempo, a uma maior auto-regulação das formas de contato interpessoal ao longo da aula. Aquela era a fileira mais silenciosa e atenta aos trabalhos desenvolvidos àquele semestre com a turma de 2010.1 do curso de pedagogia. Dentro da 'geografia' social da sala de aula, era também uma fileira que se fazia ver pela atenção persistente com as performances do professor.

Figura 3 - Corpos, objetos e proximidades compulsórias



Fonte: Foto do Autor



O fato de estarem concentradas em uma mesma fileira reduzia os espaços de ocupação dos materiais de trabalho das estudantes da Figura 03. As configurações anatômicas das cadeiras, aliás, eram as mais potentes formas de transfiguração do quadrado. As estudantes desta fileira, a exemplo do menino que rejeitava as carteiras escolares mencionado na introdução deste ensaio, utilizavam corpos de forma mais intensa na composição com os objetos de trabalho.

Logo após deparar-me com aquela visão dos corpos impressados segundo as condições compulsórias de proximidade impostas pelas posições ocupadas, fui para o lado esquerdo, ainda aos fundos. Daquele local era possível conseguir uma imagem que produzia uma visão bem diferente das performances de sentar.

Para fugir do efeito constritor das reduções de espaço entre as cadeiras, algumas estudantes procuravam sempre ocupar mais de um assento, como estratégia para garantir maior conforto na assistência da sala de aula. A cadeira ao lado torna-se uma expansão do próprio corpo, servindo de amparo da bagagem que cada um carrega para ir e vir nas salas de aula. A Figura 04 expressa uma transfiguração radical do quadrado sob efeito das performances de sentar, através dela podemos compreender de forma mais ampliada que a produção do lugar se faz através dos corpos em diferentes circunstâncias relacionais com os espaços-tempos e alteridades da/na sala de aula.

Figura 4 - A transfiguração radical do quadrado



Fonte: Foto do Autor.

Apesar da aparente visão de isolamento da estudante ela se comunicava com maior frequência com as colegas ao lado, mantendo conversação estreita durante as aulas. As colegas que chegavam antes cuidavam sempre de guardar as duas

cadeiras para que a estudante pudesse se acomodar de maneira mais “espaçosa”. Por outro lado, a estudante era expansiva na relação com o professor o que garantia maior confiança na exposição do seu corpo ali, àquele lugar. Quando fiz esta fotografia eu ocupava os lugares mais vazios dos fundos da sala de aula. A extremidade esquerda era menos procurada e comumente era ocupada pelos poucos estudantes do sexo masculino na sala de aula. Além de reconquistar maior profundidade na captura da imagem daquele lugar (a exemplo do que ocorrera quando produzi a Figura 01) consegui daquele ponto capturar uma configuração diferenciada da performance de sentar e conceber de maneira mais clara a transfiguração dos quadrados na sala de aula.

#### **4 CONCLUSÕES**

Ocupar lugares no interior da sala de aula coloca em curso feixes de ações sociais através das quais as pessoas produzem relações e protagonizam papéis diferenciados umas com as outras. As performances de sentar expõem múltiplas formas de interdependências constitutivas das redes de convivência na sala de aula.

Além de aprenderem a lidar com saberes e poderes específicos da vida institucional, as pessoas aprendem e praticam outros saberes e poderes da vida social. Uma vez ocupado, o quadrado de uma sala de aula nunca mais é o mesmo, ele sempre se altera conforme as dinâmicas cotidianas e os ritmos de aproximação e distanciamento entre as pessoas.

A visão homogeneizante deste espaço não passa de uma ilusão fabricada pelas maquinarias institucionais que reduzem outras formas de ser e estar no mundo a um mesmo paradigma de vida em comum. Paradigma este que busca favorecer a expressões mais rígidas, centralizadoras e reguladoras do exercício da autoridade nas instituições educadoras. As inflexíveis normas de ocupação impostas pelas instituições na sala de aula enquadram e tentam mesmificar as pessoas. Com e contra este paradigma as expressões não institucionais de praticar os espaços-tempos da/sala de aula geram tensões; organizam novas composições entre pessoas, objetos e ambientes ocupados; produzem símbolos; criam outras linguagens; e fazem expandir do imprevisível as heterogeneidades presentes nas suas redes de convívio inter e intragrupal.

Ao longo da minha experiência como educador, procuro ver, ouvir e conviver mais com os outros da sala de aula, mesmo quando os excessos de foco nos objetivos de proferir aula dificultam e obstruem a proximidade com as pessoas. Tenho dificuldades de gravar e associar nomes às pessoas das estudantes e dos estudantes com os quais trabalho nos primeiros meses do início de cada semestre. Isto nunca me impediu, no entanto, de reconhecê-los pelos lugares que ocupam na sala de aula. Esta tática, advinda das minhas experiências com os fazeres docentes, sempre me ajudou a produzir relações intragrupo e atuar olho-no-olho com as estudantes e os estudantes. No entanto, dada a multiplicidade de histórias de vidas com as quais convivo, nem sempre é possível conhecer todas as pessoas, embora eu tenha que cumprir institucionalmente regras de avaliação e processos de formação que perfazem a totalidade dos grupos. Para mim isto se configura como um drama social das minhas experiências com a vida acadêmica.

Para enfrentar este drama tenho que operar deslocamentos, transgredir algumas regras e conduzir-me através de atitudes que me possibilitem questionar as formas naturalizadas de composição dos espaços-tempos das salas de aula e, ao mesmo tempo, buscar outras formas de compreendê-la. As experiências vividas com a turma do primeiro semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFBA no ano de 2010 permitiram-me entrar mais neste ambiente que embora me parecesse familiar, possibilitou-me o exercício de estranhamentos decisivos para o alcance de outros olhares e escutas na sala de aula. A observação sistemática, assim como o uso de imagens fotográficas orientado pelas reflexões contínuas de cada momento das observações gerou um material rico em configurações sociais que vão além da visão mais superficial e rotineira que constitui o 'eu cá e eles lá' das relações mais rígidas entre professores e estudantes na sala de aula.

Penso que uma das lições resultantes das reflexões aqui desenvolvidas é de que a formação de professores não se reduz ao ensino-aprendizagem de um conjunto de teorias e práticas específicas sobre o fazer docente. A experiência cotidiana desafia os professores que 'somos' quando descobrimos os educadores em que nos tornamos, todas as vezes que transformamos nossas práticas e saberes sob efeito da presença dos outros. Aprender com os outros é radicalmente transformador das nossas formas de ensinar. Praticar alteridades na sala de aula amplia e multiplica novas compreensões acerca dos significados mais radicais do

estar juntos. As pessoas, os objetos, os gestos, os sons, os odores, as variações climáticas, as oscilações temporais e um número infindável de acontecimentos que extrapolam os espaços físicos das instituições educacionais em que atuamos participam dos cotidianos dos nossos processos formativos. Ao mesmo tempo em que estes fatores agem discursivamente sobre nós, nós também agimos sobre eles transformando-os em símbolos mediadores de nossas relações.

Penso ainda que o exercício empreendido até aqui deixa-nos outra lição. A heterogeneidade das ocupações dos espaços na sala de aula produz outras estéticas e políticas das nossas convivências institucionais. Isto se expressa através dos nossos corpos. As dimensões formativas do cotidiano são compostas a partir dos múltiplos agenciamentos em que nossas sensibilidades e cognições são co-produzidas e co-produtoras das relações sociais em que nos movemos uns com os outros nas salas de aula. Ainda que o excesso de normas das instituições pese sobre nossos ombros sempre é possível alcançar a leveza quando ritualizamos à nossa maneira, as posições que ocupamos na partilha dos espaços-tempos da sala de aula com outras pessoas. Isto indica mais uma vez que a formação de professores não é o que define aquilo que somos, mas o que possibilita nos tornarmos outras pessoas quando compreendemos o ato de formar como uma construção coletiva sempre inacabada.

**INSIDE AND OUT SIDE THE SQUARE:  
heterogeneity in the classroom**

**ABSTRACT**

This paper emphasizes the classroom transfiguration from the constitutive interdependence relations of the day-to-day at this place. To occupy positions and to produce relations make up the double-sided ritual processes through which teachers and students star in performances of sitting. The purpose of this paper is to point out the multiple forms of classroom occupation as a source of relational heterogeneities in the daily routine of educational institutions. The developed reflections establish conversations with contemporary anthropological/sociological approaches from configurational analysis of a photo shoot, which was produced by a class of the

Education Course of a Federal Institution of Higher Education. After the presentation of the different nuances of classroom occupation –a result of intensive classroom observation with the group of students–, other possibilities of comprehension of the multiplicity of daily relationships in educational institutions with regard to teacher education in contemporary times are indicated.

**Keywords:** Education. Teacher Training. Everyday. Ethnography. Interdependent networks.

## REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Educação e Poder**. Porto Alegre: Artes Médias, 1989.

BALANDIER, Georges. **O Contorno: poder e modernidade**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O Tempo e a Cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESCOLANO, Agustín; FRAGO, Antonio Viñao. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FARIA, Luís de Castro. O Antropólogo e a Fotografia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, IPHAN, n. 27, p.162-171, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. **Caos – Espaço – Educação**. São Paulo: Annablume, 1994.

GODOLPHIN, Nuno. A Fotografia como Recurso Narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, UFRGS, n. 02, p. 125-142, 1995.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1998.

McLAREN. **Rituais na Escola**: em direção a uma economia política dos símbolos e gestos na educação. Petrópolis: Vozes, 1991.

SHECHNER, Richard. Ritual. In: LIGIÉRO, Zeca (Org.). **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política de cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2012.

TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

Correspondência:

**Álamo Pimentel**. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pós-Doutor em Sociologia do Conhecimento pela Universidade de Coimbra. Professor Associado II da Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Paulo Freire, Porto Seguro, Bahia, Brasil. E-mail: alamopimentelmcz@gmail.com

Recebido em: 01 de março de 2016.

Aprovado em: 10 de maio de 2016.